



Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica

ISSN: 1516-1498

revistaagoraufjr@gmail.com

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Brasil

Darriba, Vinicius

A falta conceituada por Lacan: da coisa ao objeto a

Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, vol. VIII, núm. 1, enero-junio, 2005, pp. 63-76

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=376534568005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A FALTA CONCEITUADA POR LACAN: DA COISA AO OBJETO A

Vinicius Darriba

Psicanalista. Doutor
em Teoria
Psicanalítica pela
UFRJ; professor da
Universidade
Estácio de Sá.

RESUMO: Discute-se o modo como a falta é conceituada por Lacan em dois momentos: com a retomada da Coisa freudiana e com a introdução do objeto a. Tal esforço em conceituar a falta é associado à tentativa de Lacan de resgatar aquilo que se revelou central na experiência de Freud. À Coisa e ao objeto a são relacionadas duas formas distintas de se pensar a relação entre o conceito e a falta na psicanálise, determinantes do tipo de aproximação que se pode ter do que constitui a experiência analítica.

Palavras-chave: Lacan, conceito, falta, Coisa, objeto a.

ABSTRACT: Lack conceived by Lacan: from the Thing to object a. This study describes the way lack is conceived by Lacan at two different levels: with the retrieval of the Freudian Thing and the introduction of Object a. Such effort to conceptualize lack is associated to Lacan's attempt of rescuing that which has revealed itself as central in Freud's experience. Two distinct ways of thinking the relationship between concept and lack in psychoanalysis are related to the Thing and Object a. Such forms of thinking are determining in the type of proximity one may have of what is at stake in the analytical experience.

Keywords: Lacan, concept, lack, Thing, object a.

O 'retorno a Freud' de Lacan teve como foco a experiência analítica. Os conceitos que foram resgatados da obra freudiana, bem como os produzidos em sua trajetória, buscaram tocar aquilo em que consistiria a experiência inaugurada por Freud. Lacan percebeu que a tentativa de conceituação do que se passa na experiência da análise deve levar em conta a dimensão do limite do conceito com a qual Freud já se

confrontava.¹ Ao buscar retomar a experiência freudiana, e não tratar os conceitos psicanalíticos como dissociáveis do contexto de sua produção, Lacan teve que abordar a questão da falta como central para o trabalho conceitual na psicanálise.

O pensamento psicanalítico, segundo a leitura lacaniana do legado de Freud, passa então pela falta. A começar pela questão do objeto, de onde partiremos, em relação à qual a discussão em torno da falta teve seu lugar de eleição desde Freud. No seminário em que critica a teoria pós-freudiana da relação de objeto, Lacan destacou o lugar central da falta no que concerne ao objeto na psicanálise. Desta falta do objeto, veremos Lacan perseguir uma concepção de objeto que incluía a dimensão da falta. O que propomos, aqui, é verificar em que termos a falta é conceituada por Lacan, em um primeiro momento, com o resgate da Coisa freudiana e, em seguida, com a introdução do objeto a.

A FALTA DO OBJETO

Lacan anuncia, como tema de seu seminário no ano 1956-57, a relação de objeto (LACAN, 1956-57/1995, p.9). Este tema é escolhido, segundo o autor, por se encontrar em posição central nos desenvolvimentos relativos à teoria e à prática então propostos pela comunidade analítica. Trata-se na verdade, para Lacan, de fazer avançar a crítica ao que ele concebe como um “desvio da teoria analítica” (idem, p.12), desvio que tem seus reflexos na clínica. A valorização do tema da relação de objeto pelos pós-freudianos² e o modo como esta é apresentada por eles — visto que Freud não se ocupou particularmente de tal noção³ — são os alvos da crítica de Lacan. O percurso do seminário é claro: consiste na explicitação dos fundamentos de tal crítica e na tentativa de abordar a questão do objeto por outra via, que possa se diferenciar do que é proposto nos termos da relação de objeto.

Mas em que o uso que se fazia da noção de relação de objeto traía a psicanálise? Por que seus efeitos na clínica deveriam ser questionados? O problema já se apresenta, segundo Lacan, no fato de a teoria da relação de objeto privilegiar uma concepção harmônica do objeto, contrária aos ensinamentos de Freud. Somos

¹ Esta questão do limite do conceito na psicanálise, aqui tomado como premissa para a discussão, foi desenvolvida em Darriba (2004, p.78-85). Neste artigo, discutiu-se o ‘inacabamento’ que marca o conceito psicanalítico tanto na obra de Freud quanto nos termos de sua retomada por Lacan.

² A noção de relação de objeto é valorizada já nos trabalhos de Abraham, assim como ocupa lugar central na teoria de Melanie Klein. Os termos em que ela é descrita no seminário, entretanto, indicam que a polêmica visa autores que lhe são contemporâneos, notadamente Maurice Bouvet, chefe da Société psychanalytique de Paris, que Lacan havia deixado em 1953. Sua crítica pode ser associada ao conteúdo do artigo sobre a relação de objeto de que Bouvet é autor.

³ Encontraremos uma referência específica à expressão, por exemplo, em “Luto e melancolia” (1917[1915]), sem que, no entanto, esta constitua um eixo pelo qual passe a se orientar a teoria de Freud (1917[1915], p.281).

lembrados, no seminário, da observação contundente de Freud de que o objeto é o que há de mais variável na pulsão, não estando predestinado a satisfazê-la⁴ (idem, p.60). Conceber um objeto harmônico, um objeto plenamente satisfatório, que seria assim o objeto por excelência, é desviar-se, segundo Lacan, da psicanálise freudiana.

A relação entre sujeito e objeto sendo marcada pelo conflito, isto é, confrontada por uma teoria na qual o objeto harmônico aparece como objeto terminal, ou seja, como aquele para o qual convergiriam as etapas parciais do objeto. Lacan questiona a idéia do objeto genital como sendo o objeto em que culminariam os estágios pré-genitais do objeto, os quais teriam, então, estatuto provisório em um desenvolvimento subjetivo considerado saudável. A relação de objeto se orientando por uma convergência para o objeto genital remete, segundo Lacan, à idéia de uma maturação da relação do homem com a realidade (idem, p.13). O objeto genital situaria o homem, portanto, em uma realidade adequada, e é a esta adequação que a clínica deveria aspirar. A crítica de Lacan é inspirada, em grande parte, pela percepção do quão inapropriada é a pretensão de que a análise tenha o objetivo de favorecer a ‘maturação’ da relação do sujeito à realidade. A idéia de ‘normalização’ do sujeito, aí implicada, introduz, segundo ele, categorias estranhas à perspectiva da análise (idem, p.16).

No decorrer do seminário, seja a falta do objeto enfatizada, sejam os modelos de objeto concebidos pelos teóricos da relação de objeto contestados, é notável a insistência de Lacan em repetir que o objeto em Freud remete à falta.⁵ Repetição que acabará por lançá-lo no percurso entre sustentar a falta do objeto e conceber um objeto da falta. Pretendemos verificar, na seqüência do artigo, que é este o percurso que Lacan segue após o seminário 1956-57. Já não estaremos mais aí diante do resgate da centralidade da falta no objeto para Freud, mas da proposição de um objeto singular na obra de Lacan. Proposição de um objeto em que não há risco de que ele venha a ser confundido com o objeto genital, o objeto terminal ou o objeto em uma relação harmônica. Isto porque, ao invés de garantir uma ‘homeostase’, se trata antes do objeto que causa o desejo. É a emergência do ‘objeto a’ que acompanharemos adiante.⁶ Não sem antes examinarmos o conceito da ‘Coisa’, trabalhado por Lacan no resgate da noção de ‘das Ding’ freudiana.

⁴ Cf. FREUD, 1915/1990, p.143.

⁵ Cf., por exemplo, Lacan, 1956-1957/1995, p.13, 35, 51, 60.

⁶ A afirmação por Lacan de um objeto na psicanálise, objeto não mais passível de ser capturado na trama da relação de objeto, é um contraponto importante à sua insistência na prevalência da falta. Isto porque, quando ‘liberado’ da relação de objeto, em alguma medida o objeto se volatiliza no texto de Lacan. Podemos falar do risco de se saltar daí a uma mística da falta, reduzindo-se a análise a uma perpetuação da falta. É o caminho que se segue, em direção ao objeto a, que entendemos nos afastar desta deriva.

É com tal conceito que ele inicialmente aborda o real, estabelecendo as bases para a entrada em cena do objeto a.

A FALTA NOS TERMOS DA COISA

No seminário 1956-57, como vimos, Lacan buscou consolidar a idéia de que a questão da falta é central quando se trata de abordar o tema do objeto na psicanálise. Continuaremos nossa investigação a partir da demarcação desta perspectiva na qual a problemática do objeto, tal como trabalhada por Freud, deve ser tomada pela via da falta. É associando este olhar sobre o objeto à questão do desejo na psicanálise que entendemos poder acompanhar, nos seminários posteriores de Lacan, as considerações relativas à questão do objeto.

Da conclusão lacaniana de que o objeto, segundo os caminhos trilhados por Freud, deve ser tomado pela via da falta, resulta a impossibilidade de confinar o desejo, na psicanálise, à sua definição em função do objeto. A dimensão do desejo não se define pela presença de um objeto, já que é precisamente a falta dele que opera.⁷ É através da discussão de uma ética da psicanálise, no seminário conduzido entre 1959 e 1960, que Lacan propõe uma outra via para abordarmos a temática do desejo. Neste sentido, chama a atenção que em sua aula inaugural, quando é anunciado o programa do seminário naquele ano, a necessidade de exame do tema da ética seja associada, por um lado, ao fato de a experiência analítica nos conduzir a aprofundar mais do que nunca o universo da falta (LACAN, 1959-60/1991, p.10), e, por outro lado, ao fato de a falta favorecer a função do desejo (idem, p.12).

Retroativamente, poderíamos propor, também em relação ao seminário 1956-57, uma leitura da discussão de Lacan do ponto de vista de um posicionamento ético. A crítica à concepção de objeto na qual este é tomado na perspectiva de uma evolução em direção a um objeto terminal, configurado como objeto harmônico, se liga a uma crítica que remete à dimensão ética da análise. Não é à toa que Lacan caracteriza a 'relação de objeto' como uma teoria da maturação da relação do homem à realidade. Há uma crítica aí a uma ética de adaptação. Tão mais relevante na medida em que tal ética se liga, como percebe o autor, à orientação que segue a clínica: o analista passa a ocupar o lugar de modelo a ser atingido, no que diz respeito a uma adaptação 'saúdável'.

Para além da crítica que se pode depreender do seminário em que se ocupou da teoria da relação de objeto, Lacan persegue, três anos mais tarde, uma ética para a psicanálise. Para tal, inicia o percurso do seminário 1959-60 definindo o problema da ética como estando tradicionalmente ligado à distinção entre o que

⁷ Posteriormente, com a introdução do objeto a, teremos sim um objeto que causa o desejo, mas na medida em que, não como agora, se trata de um objeto que se vincula à falta.

se liga ao prazer e o que caracterizaria um bem final vinculado à instância moral (idem, p.30). Ao antecipar a idéia, que desenvolverá posteriormente no seminário, de que a instância moral presentifica o real, a discussão fundamental, na ética, da relação entre prazer e bem é articulada, por Lacan, à discussão da relação entre prazer e realidade. É deste modo que sua pesquisa sobre a ética da psicanálise rapidamente se volta para a questão freudiana da distinção entre princípio de prazer e princípio de realidade, ocupando-se mais especificamente da retomada da noção de 'das Ding', trabalhada por Freud no *Projeto para uma psicologia científica* (1950[1895]/1990).

O modo como a noção de *das Ding* é trabalhada no seminário em que Lacan trata do tema da ética da psicanálise pode ser tomado em continuidade ao pensamento sobre a questão da falta do objeto, tal como estabelecido no seminário 1956-57. Se até então tratou-se de estabelecer a centralidade da falta no que diz respeito à problemática do objeto na psicanálise, o acréscimo que se faz à discussão, agora, se refere à maneira pela qual a falta deve ser concebida.

A afirmação da falta do objeto por Lacan não impede, por si só, que ela seja interpretada do ponto de vista da perda do objeto. Esta idéia de um objeto perdido associa o desejo à busca da reedição de uma experiência em que tal objeto foi tido, ficando a falta referida tão somente ao fracasso permanente de tal busca. A falta do objeto não deixa de estar associada a uma origem empírica do desejo. Ao tomar emprestada do Projeto de Freud a noção de *das Ding*, Lacan busca, como veremos, um alicerce para sustentar a idéia de que a falta remete não à empiricidade da 'Coisa' perdida, mas sim à condição de possibilidade do desejo.

Prova deste direcionamento por parte do autor é sua crítica ao que ele identifica como uma tendência, dentro da psicanálise, a se entender tratar da mãe no lugar de *das Ding* (idem, p.86). Tal como no seminário sobre a relação de objeto, a crítica de Lacan se estende, aqui, ao uso da categoria da 'frustração' para abranger tal discussão. Para Lacan, *das Ding* indica a falta na origem, o que é ignorado quando se restringe a questão ao contexto da interpsicologia criança-mãe. A falta, portanto, não é relativa a um objeto primordial, mas está ela mesma na origem da experiência do desejo, ou seja, é condição de possibilidade desta última. Assim, *das Ding* se configura como uma falta central no registro do desejo (idem, p.91), consistindo em centro e índice de exterioridade a um só tempo.

Se *das Ding* remete ao que é central e ao mesmo tempo exterior, é central e exterior em relação a quê? De modo geral, vimos que se tratou, até aqui, na leitura da obra de Freud por Lacan, do que *das Ding* representa em relação à problemática do desejo. Se pretendemos buscar novos termos para designar a que se relaciona a Coisa lacaniana, em sua definição topológica como centro exterior, eles deverão estar associados, portanto, ao modo como é concebido o desejo.

Na discussão que dedica ao Projeto, no seminário que estamos examinando, Lacan aproxima a ‘representação’ (*Vorstellung*) freudiana da definição do significante com que trabalhava, afirmando que as *Vorstellungen* modulam-se segundo as leis que regem o funcionamento da cadeia significante (idem, p.81). Na medida em que, no Projeto, é no nível das *Vorstellungen* que Freud concebe o desejo como desejo de objeto, da aproximação de Lacan resultará que o desejo como desejo de objeto se estabelece pela articulação significante. Levando em conta que *das Ding*, configurado como central e exterior ao mesmo tempo, é introduzido para dar conta das questões associadas à problemática do desejo, é coerente com o que acabamos de indicar na afirmação lacaniana de que se trata, com *das Ding*, de um centro exterior em relação ao mundo subjetivo do inconsciente organizado em relações significantes (idem, p.91).⁸ Lacan fala da Coisa como um furo no real introduzido pela modelagem do significante (idem, p.153).

Das implicações da noção de *das Ding* para a questão do desejo na psicanálise, somos conduzidos, então, por Lacan, a pensar o lugar que a Coisa ocupa em relação à articulação significante. Assim, na retomada lacaniana da noção que Freud introduzira, ela passa a aparecer associada a enunciados como ‘o fora-do-significado’ (idem, p.71) ou ‘o que do real padece do significante’ (idem, p.149). A orientação do trabalho de Lacan leva ‘a Coisa’ (*das Ding*) freudiana ao encontro da ‘Coisa’ que serve de suporte à designação de um real inacessível que é condição da linguagem. Como o próprio autor afirma, ele acrescentou a idéia de *das Ding*/da Coisa como correlato da lei da fala em sua mais primitiva origem (idem, p.105).

Essa Coisa que, nas palavras de Lacan, é o que se separou de tudo para que o sujeito começasse a nomear e a articular (idem, p.106), aparece como condição de possibilidade da linguagem. É condição da linguagem a delimitação da Coisa como inacessível. A discussão de Lacan sobre a ética se voltou para *das Ding*, em Freud, porque lá somos remetidos, precisamente, ao que é inacessível. Entra em cena aí a Lei, presente nos moldes da interdição do acesso à Coisa. Mas não se trata apenas disso na abordagem de Lacan. A Coisa ausente indica a fenda aberta no real pela articulação significante. E na experiência analítica — entende Lacan, situando seu interesse pela ética, no início ainda do seminário — é a Lei que presentifica o real (idem, p.31). Não que a Lei seja a Coisa — Lacan diz que de modo algum (p.106). Mas não se conhece a Coisa senão pela Lei, “sem a Lei a Coisa estava morta” (idem).

Façamos um resumo de nosso percurso. Havíamos verificado, antes, que, no seminário 1956-57, Lacan se dedicou à sustentação da centralidade da falta

⁸ Assim como havia Lacan destacado, antes de aproximar a *Vorstellung* freudiana do funcionamento da cadeia significante, que é no nível das *Vorstellungen* que se distingue *das Ding* como ausente (p.80).

no que diz respeito à questão do objeto na psicanálise. Ao nos ocuparmos da pesquisa que se desenrola no seminário 1959-60, buscamos identificar a retomada da questão da falta, trabalhada aí em termos de como ela deve ser situada em relação à experiência que a psicanálise evidencia. A discussão em torno da Coisa por Lacan, resgatando a problemática levantada por *das Ding* na obra de Freud, inscreve, como vimos, a falta na origem desta experiência. Com a Coisa indicando a exclusão necessária à articulação significativa, a falta passa a ser tomada como condição de possibilidade da mesma, a qual define, para a psicanálise, o terreno em que a trama do objeto se desenrola. A lei simbólica é vista, assim, como lei de exclusão da Coisa. E o gozo, designando o acesso impossível à Coisa, ao que o significante ‘deixa de fora’, é concebido como interditado pela lei simbólica.

Para nossos próximos passos é importante atentar para uma distinção que, no contexto da discussão sobre a ética, Lacan estabelece em sua articulação de Kant com Sade. Trata-se da descoberta, em Sade, de um termo que, a seguirmos Kant, estaria ausente da experiência moral. Lacan está se referindo ao “objeto, o qual, a fim de garanti-lo para a vontade no cumprimento da Lei, ele [Kant] é obrigado a remeter ao impensável da coisa-em-si” (LACAN, 1966/1998, p.783). Com Kant, não há objeto concebível para a experiência moral, ela remete exclusivamente à inacessível coisa-em-si. Já em Sade, Lacan verifica que o objeto é decaído de sua inacessibilidade, revelado pelo agente do tormento (idem).⁹ Interessamos, a seguir, justamente acompanhar, no pensamento lacaniano, o movimento que conduz ao que, em um primeiro momento, precisou ter sua definição articulada à condição de ser inacessível, em direção à concepção de um objeto adequado a tal definição. Como conceber um objeto a partir da falta substancial que a Coisa define? Veremos tratar-se, para Lacan, de uma questão fundada na experiência analítica.

Na trajetória segundo a qual seguimos o pensamento lacaniano, encontramos em um ponto no qual a Coisa, tal como concebida, sustenta a inacessibilidade de um objeto de gozo. A Coisa, designando uma exclusão, determina que a articulação significativa, através da qual se desdobra a experiência do desejo na psicanálise, se organize em torno de um vazio central. Se nos ativermos ao conceito da Coisa, a falta fica associada ao que está excluído da experiência analítica. Nosso objetivo, daqui em diante, é problematizar, com o próprio Lacan, esta

⁹ Lacan relaciona a presença do objeto ao agente do tormento, um dos personagens da tríade que estrutura a trama sadiana (o que comanda a Lei, o que a executa de forma apática, a vítima que deve se assujeitar). A voz que ordena não está localizada, como em Kant, em uma voz interior da consciência. A voz na experiência sadiana, segundo Lacan, é separada do sujeito, emana do Outro. Ele faz referência a fenômenos da voz que, na psicanálise, revelam sua faceta de objeto. Posteriormente, a voz constituirá precisamente um dos modos de apresentação do objeto a lacaniano.

demarcação estrita entre, de um lado, o acesso impossível à Coisa — a experiência interdita de gozo — e, de outro, uma experiência de desejo para a qual não há objeto pleno. Até então, esta última vem se definindo pela exclusão que a outra representa. Queremos verificar, a seguir, que a relação não é tão pontual para Lacan, que não se resume a uma operação de exclusão que posiciona, de uma vez por todas, a interdição da Coisa como condição de possibilidade da experiência do desejo, experiência marcada pela parcialidade do objeto.

DA COISA AO OBJETO A

É certo que a Coisa lacaniana faz a definição do objeto do desejo — objeto da experiência analítica — avançar da relação com o objeto perdido na origem à relação com a falta na origem. Mas, ainda assim, se supõe uma origem ‘fora’ da experiência para o desejo. Ao passo que, se há desejo e se o desejo se mantém, é porque algo no objeto da experiência do desejo causa o desejo. Bernard Baas fala de um objeto ‘côisico’ (*un objet ‘chosique’*) que causa o desejo (BAAS, 1998, p.52), sustentando que algo da Coisa é assim engajado no objeto do desejo. Já não nos detemos, aí, na Coisa-excluída como condição de possibilidade para que o objeto seja, no âmbito do desejo, apresentado pela via da falta.

O modo como a falta é trabalhada nos termos da Coisa lacaniana possibilita sua aderência ao conceito de objeto com que passamos a lidar. Isto é, a Coisa prepara o terreno para que, nos moldes em que a questão da falta passa a estar situada, possamos perseguir um conceito de objeto que desta falta faça substância. Entendemos, assim, que o percurso cumprido até aqui por Lacan — passando pela centralidade da falta do objeto na psicanálise e, em seguida, pela introdução da Coisa, recuperando *das Ding* em Freud — corresponde ao estabelecimento das coordenadas necessárias à delimitação do objeto a, nos termos em que dele nos ocuparemos. A discussão relativa à Coisa pode ser vista retrospectivamente, portanto, como um trabalho conceitual necessário à associação da falta com um conceito de objeto inédito.

Ainda no seminário 1959-60, uma discussão importante se dá em torno do tema da sublimação, a qual nos interessa por articular a Coisa ao objeto. Segundo a célebre fórmula lacaniana, a sublimação eleva um objeto à dignidade da Coisa (LACAN, 1959-60/1991, p.140). Pela função imaginária, o objeto, que não coincide com a Coisa, se substitui a ela na sublimação. Podemos verificar, porém, que a articulação entre objeto e Coisa na sublimação não se restringe, no exame de Lacan, ao efeito imaginário de determinados objetos criados. Ele verifica, de modo geral, que a forma pela qual o objeto é concebido na psicanálise é compatível com o que a delimitação da Coisa estabelece. Temos perseguido a especificidade do conceito de objeto para a psicanálise, especificidade que, com Lacan, entendemos ter origem nos enunciados de Freud. O passo que o seminário 1959-

60 nos impõe é de nos voltarmos, no contexto da sublimação, para a problemática do objeto em diálogo com o que acabara de ser introduzido pela Coisa.

Lacan retoma o que designa como sendo, para Freud, “a definição fundamental do objeto” (idem, p.149). Ele entende que a estrutura essencial na obra freudiana é a do objeto reencontrado, da qual é consequência a idéia de que o objeto tenha sido perdido. Não é o objeto perdido que determina que a experiência do objeto consista em um reencontro, mas a experiência do objeto como reencontrado que nos sugere um objeto perdido. Ao estabelecer o conceito da Coisa, resgatando das *Ding* em Freud, Lacan precisamente oferece, para o objeto reencontrado, uma sustentação outra que não a suposição de um objeto perdido, uma sustentação que dispensa a idéia de um objeto perdido. A proposição do objeto como objeto reencontrado passa a estar associada à concepção da Coisa.

O que afirmamos se assenta na observação lacaniana de que a definição da Coisa como inacessível implica que ela só possa ser representada, sempre, por ‘outra coisa’ (idem). Neste caso, se Lacan chega a falar do objeto que representa a Coisa (idem, p.150), é porque a definição do objeto, como vimos, converge para o objeto reencontrado. Isto é, tomando o objeto reencontrado no sentido de que há algo que difere a cada encontro do objeto, poderemos falar do objeto que representa a Coisa, já que lidaremos aí com um objeto que é, por definição, ‘sempre outro’. Com esta condição de ser sempre outro, o objeto, de algum modo, passa a se articular à Coisa, remetendo ao vazio associado à Coisa. Isto porque a concepção de um objeto ‘sempre outro’ implica pensarmos que não há objeto que se sedimente naquele lugar, o que acaba por configurar um vazio.

Vale notar que nos deparamos aí com uma configuração particular do vazio. Vejamos como Lacan, enfocando novamente a sublimação, enuncia a questão:

“Essa Coisa, da qual todas as formas criadas pelo homem são do registro da sublimação, será sempre representada por um vazio, precisamente pelo fato de ela não poder ser representada por outra coisa — ou, mais exatamente, de ela não poder ser representada senão por outra coisa” (LACAN, 1959-60/1991 p.162).

Nesta citação, através do acréscimo de uma palavra, Lacan empresta novo sentido ao vazio que, no contexto da experiência do objeto como objeto de desejo, representa a Coisa. O vazio apontava, inicialmente, para a radicalidade da ausência da Coisa na experiência, para a impossibilidade de ela se fazer representar que não fosse por um vazio. Com o reparo de Lacan, no entanto, o vazio passa a estar associado ao fato de ela — a Coisa — ser representada na condição de ‘não poder ser representada senão por outra coisa’, ao fato de ela ser representada por um objeto que é sempre outro. Isto é, se o que Lacan aborda através do conceito da Coisa implica, por um lado, a delimitação de um vazio, na medida em que

não há objeto que coincida com o que a Coisa designa, por outro, há também a face do objeto, agora revelada, em que, do modo como se entende concebido na psicanálise — como sempre outro — ele atualiza, na experiência, aquilo de que fala a Coisa. Ao tratar do tema da sublimação, no seminário 1959-60, Lacan resgata, para o objeto da experiência analítica, algo da Coisa que, em um primeiro momento, remetia puramente ao intangível.

Seguindo com o percurso de Lacan, no seminário do ano de 1964 vemos a discussão que envolvia a Coisa, introduzida como inacessível, e o gozo, como interditado, se modificar, passando a ser trabalhada na perspectiva de um retorno. Se a Coisa lacaniana nasceu associada à dimensão do real — ela designa, como vimos, o furo no real produzido pela modelagem significativa — é justamente em relação ao real que a questão do retorno é retomada neste seminário. O real é então definido como “o que retorna sempre ao mesmo lugar” (LACAN, 1964/1988, p.52), saindo da condição de puro excluído e exigindo que se pense sua articulação com a ordem significativa. Tal movimento se dá, no seminário, em torno do enfoque que nele ganha o tema da repetição.

Através da repetição, Lacan dispõe do real e da ordem significativa sem confiná-los em uma relação excludente. Ele faz isso resgatando a relação estabelecida por Aristóteles entre *autômaton* e *tiquê*, dizendo tratar-se, no primeiro caso, da rede significativa e, no segundo, do encontro com o real (idem, p.54). Recorrendo à distinção de Aristóteles entre o *autômaton* e a *tiquê*, Lacan pretende indicar que, “para além do *autômaton*, do retorno, da volta, da insistência dos signos” (p.56), vige o real como encontro com a falta. A repetição não pode ser tomada, na psicanálise, apenas no sentido da reincidência de uma trama significativa que exclui o real, mas também no sentido de que o real retorna como encontro faltoso. Já não lidamos aí apenas com uma exclusão no real sustentando a ordem significativa, mas com um real que, em sua insistência, se atualiza como encontro faltoso no âmbito mesmo da articulação significativa.

A noção de repetição, dizendo respeito ao mesmo tempo à rede significativa e ao encontro com o real, consolida uma inflexão no enfoque do pensamento lacaniano que é revelada desde o início do seminário neste ano de 1964. Ao iniciar seu exame dos conceitos fundamentais da psicanálise pelo inconsciente, a cujo entendimento pela via da articulação significativa dedicou grande parte de seu trabalho nos anos anteriores, Lacan se volta, com atenção inédita, a um outro aspecto identificado com a experiência do inconsciente. Passa a ter posição central em sua leitura do inconsciente o modo da descontinuidade, do ‘tropeço’, pelo qual ele essencialmente se verifica em Freud.

Já tendo consolidado a tese de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, Lacan enfoca, agora, a problemática da descontinuidade que a experiência do inconsciente apresenta. Ele afirma que, apesar de ter estado a sua

época em posição de introduzir a lei do significante, não deixa de ser necessário, “se queremos compreender o- de que se trata na psicanálise, tornar a evocar o conceito de inconsciente nos tempos em que Freud procedeu para forjá-lo — pois não podemos completá-lo sem levá-lo ao seu limite” (idem, p.28).

Jacques-Alain Miller afirma, sobre este início do seminário de 1964, que Lacan descreve o inconsciente como jamais o havia feito (MILLER, 1999, p.16). Segundo ele, o inconsciente era descrito, preferencialmente, até então, como uma ordem, uma cadeia, uma regularidade, ao passo que, agora, ele é recentrado sobre a descontinuidade. Descontinuidade que, Miller enfatiza, não corresponde tão somente à descontinuidade que é compatível com a ordem significante. Lacan descreve o inconsciente como uma borda que se abre e se fecha. Deste modo, tornando o inconsciente homogêneo ao que é próprio da ‘zona erógena’ freudiana, Lacan promove, diz Miller, a comunhão de estrutura entre o inconsciente simbólico e o funcionamento da pulsão. É a esta inflexão que dissemos responder a posterior imbricação, que verificamos neste mesmo seminário, da ordem significante com o real. Quanto a isso, vale indicar que Lacan afirma, ao longo do seminário, que “o real é, no sujeito, o maior cúmplice da pulsão” (LACAN, 1964/1988, p.71).

Retomemos os dois conceitos lacanianos que queremos pôr em contraste — a Coisa e o objeto a. O movimento que a obra de Lacan percorre é o movimento que parte de uma perspectiva na qual a falta remete a um termo fora do jogo significante em que se assenta a experiência da busca do objeto, o que é designado pela Coisa; e que se dirige para uma outra perspectiva na qual, na medida em que ao objeto é atribuído o estatuto do objeto a, o que se apresenta sob o modo da falta passa a se referir a algo que se atualiza nesta experiência mesma. A experiência analítica foi pensada em um primeiro momento, por Lacan, segundo uma lógica em que a sustentação da rede significante — causa para o sujeito — dependia da exclusão de um termo, o qual se configurava, assim, como um exterior inassimilável na experiência. Com o objeto a, um novo passo é dado, pois não mais se trata, apenas, de uma lógica de pensamento que se entende compatível com o que é próprio da experiência analítica, mas deste exterior inassimilável sendo ‘experimentado’ pelo sujeito. O resto da operação significante não remete a uma transcendência, mas retorna, ele sim, como causa na experiência.

Daí falarmos de um objeto que tem a falta como substância. Lacan parte, como vimos, da ênfase na falta do objeto e, passando pela Coisa, chega a um objeto da falta. O objeto a não é concebível como objeto empírico, no sentido em que poderia ser assimilado na experiência. Mas, ao contrário da Coisa, não designa, na experiência, uma pura negatividade, já que o sujeito, definido como sujeito de desejo, ‘experimenta’ o objeto a por este ser causa do desejo (QUINET,

2002, p.59). O objeto a se refere à experiência, a cada vez reeditada pelo sujeito desejan- te, da falta no objeto. Vimos que a Coisa lacaniana, indicando que é a falta mesma, que deve ser situada na origem, se opõe à delimitação de uma experiência originária do objeto, em relação à qual a falta seria verificada retrospectivamente. Com o objeto a, por sua vez, o próprio estabelecimento de um momento originário é problematizado, pois a falta passa a estar em uma relação de sincronia com a experiência do objeto na psicanálise, ou seja, não tem origem outra se não ser ‘experimentada’ a cada encontro com o objeto. Lacan chega com o objeto a, portanto, a um objeto da falta.

A FALTA NOS TERMOS DO OBJETO A

Entendemos que a Coisa, ou mesmo o real, ou ainda o gozo já eram conceitos que, no percurso lacaniano, se ligavam à problemática da falta. Com o objeto a, entretanto, diremos que o lugar central da falta na experiência analítica não é apenas designado, como nestes outros conceitos. Vemos sim uma tentativa de ‘tocar’ a experiência da falta que está no cerne da psicanálise. Ou seja, não se trata apenas do conceito organizando, em torno de uma falta, nosso entendimento da experiência analítica, mas do conceito pretendendo se dirigir à experiência da falta no que ela coincide com a experiência analítica. Neste sentido, podemos chamar a atenção para a afirmação de Lacan, em “Radiofonia” (1970), de que o objeto a só é dedutível na medida da análise de cada um (LACAN, 1970/1977, p.26).

Para examinar em outra perspectiva o que propomos, lembremos mais uma vez que o seminário de 1964, que se ocupa do conceito psicanalítico, já se inicia enfocando o movimento de abertura e fechamento que caracteriza a experiência do inconsciente em Freud, experiência fundadora da psicanálise. Nestes termos, o que buscamos indicar é que o conceito de objeto a representa o esforço de Lacan em fazer o pensamento psicanalítico se deter na abertura. Pois, se ele observa que a descontinuidade é a dimensão sem a qual não se traz à vida a experiência de Freud, é preciso perseguir um conceito que não a suture, um conceito que, no limite, se detenha na abertura. A sutura equivaleria aí à idéia do encerramento da psicanálise em uma teoria acabada. Com o objeto a, o conceito se propõe a não emudecer o real que irrompe a cada abertura e fechamento, a psicanálise assumindo um potencial de permanente reinvenção.

Com relação ao objeto a, já não se trata de pensar a psicanálise em função de um objeto originário, ou mesmo de uma falta originária, mas da tentativa de articular o conceito à experiência da falta tal como inserida na atualidade da análise. O conceito de objeto a, de modo diverso ao do encaminhamento pelo qual a Coisa é concebida, é formulado preferencialmente em associação com os elementos da clínica psicanalítica. Isto pode ser verificado na medida em que Lacan se vale dele, como veremos, para pensar a circunstância da transferência na

análise, assim como para definir o que entende ser o lugar do analista. Na afirmação lacaniana a que nos referimos dois parágrafos acima, é mesmo atestado que a dedução do objeto a se restringe ao contexto da análise de cada um.

O conceito do objeto a sintetiza, segundo sua formulação por Lacan, a condição do conceito na psicanálise de só poder ser pensado em articulação com a atualidade da experiência clínica. A afirmação recorrente entre os psicanalistas de que a produção conceitual e a clínica devem estar associadas na psicanálise não vem acompanhada, em geral, pela apresentação dos termos que a fundamentariam. Segundo o viés em que vemos operar o objeto a de Lacan, entendemos que tal afirmação começa a nos dizer algo. Sem um conceito como o objeto a, estaríamos diante de um enunciado que, tomado isoladamente, carece de sentido.

Quase concomitante à introdução do objeto a é sua associação à discussão sobre o lugar do analista. Trata-se, assim, de um conceito com o qual Lacan busca se dirigir ao que está no cerne mesmo da experiência da análise, com o qual busca tocar o que é específico a esta última. Ele afirma que o que causa a transferência é o objeto a (1964/1988, p.128). É a partir, então, do que se tenta designar como objeto a que a psicanálise seria posta em jogo. Tal conceito sustenta, portanto, em relação à psicanálise, a própria questão da causa. O objeto a, tomado por causa da transferência na psicanálise, impede que a construção da trama conceitual psicanalítica pretenda se alicerçar sobre o sepultamento da questão da causa.

O objeto a, conceito de objeto-causa, impõe como horizonte para o pensamento psicanalítico a questão da causa. Com isso, ele faz acompanhar sempre de uma interrogação a experiência da análise, não podendo ser esta tomada por mero espaço inerte ao qual se aplica um saber predefinido. O objeto a busca responder à questão do lugar do analista como causa do desejo do analisando. Lacan diz do objeto a que ele é a substância da posição do analista, situando este como ponto de mira da operação que designamos por psicanálise. Esta operação singular tem neste objeto privilegiado, descoberta da análise (idem, p.242), um conceito que interroga a própria causa de tal operação.

No percurso da Coisa ao objeto a, situamos em um e outro momento o lugar que cabe ao conceito na psicanálise. Partindo da falta que Lacan localiza no centro do pensamento psicanalítico, vimos, em um primeiro momento, com a Coisa, o conceito resgatando esta falta nos termos de uma exclusão associada à origem da experiência de desejo de que trata a psicanálise. No outro momento, com a introdução do objeto a, não se trata mais do conceito inscrevendo a falta no pensamento psicanalítico apenas como registro de um suposto real originário. O objeto a busca se dirigir à falta, tomando-a pelo que irrompe na atualidade da análise. Neste caso, não se trata, apenas, da inscrição do real, pelo modo da falta, na trama conceitual da psicanálise, mas do conceito se dirigindo à experiência da falta no que ela coincide com a experiência analítica.

A discussão de Lacan em torno da Coisa acompanhou sua leitura do pensamento freudiano, com base na qual sustentou a crítica à perspectiva em que determinados autores pretenderam se apropriar da trama conceitual da psicanálise. Com o objeto a, no entanto, já não se tratou apenas de ser fiel a Freud, mas do que foi introduzido pelo próprio Lacan. Pretendemos tomar o conceito lacaniano do objeto a como uma tentativa sua, inédita, de responder ao problema da relação entre o conceito e a falta na psicanálise. Nesta, o que se transmite não é o conceito sob a forma de uma definição última, nem mesmo um conceito que situaria a falta. O que se transmite, através de uma relação com o conceito que marca o trabalho de Freud e Lacan, é a falta que é experimentada na análise.

Recebido em 23/9/2004. Aprovado em 11/5/2005.

REFERÊNCIAS

- BAAS, B. (1998) *De la Chose à l'Objet: Jacques Lacan et la traversée de la phénoménologie*. Louvain: Peeters.
- DARRIBA, V. (2004) O 'inacabamento' do conceito na psicanálise, *Pulsional Revista de Psicanálise*, ano 17, n. 179, São Paulo: Escuta.
- FREUD, S. (1990) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago.
- (1950[1895]) "Projeto para uma psicologia científica", v.I, p.385-529.
- (1917[1915]) "Luto e melancolia", v.XIV, p.269-294.
- LACAN, J. (1956-1957/1995) *O Seminário livro 4, A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1959-1960/1991) *O Seminário livro 7, A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1964/1988) *O Seminário livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1966/1998) "Kant com Sade", in *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1970/1977) "Radiofonia", in *Psicoanálisis: Radiofonia & Television*. Barcelona: Anagrama.
- MILLER, J.-A. (1999) Les Six paradigmes de la jouissance, in *Cause Freudienne*, 43, Paris, outubro, p.7-29.
- QUINET, A. (2002) *Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Vinicius Darriba
vdarriba@centroin.com.br